

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

BRUNO GALASSI FERREIRA

**AS REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA NAS OBRAS DE UMBERTO
PUIGGARI E HÉLIO SEREJO**

JARDIM-MS

2012

BRUNO GALASSI FERREIRA

**AS REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA NAS OBRAS DE UMBERTO
PUIGGARI E HÉLIO SEREJO**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Susylene Dias de Araujo

JARDIM-MS

2012

Galassi Ferreira, Bruno
As representações da violência nas obras de Umberto
Puiggari e Hélio Serejo / Bruno Galassi Ferreira.
Jardim: UEMS, 2012. 50 p.; 30 cm.

Bibliografia
Monografia de Graduação – Curso de Letras
Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul.

1. Literatura Comparada
2. Umberto Puiggari
3. Hélio Serejo

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

BRUNO GALASSI FERREIRA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**AS REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA NAS OBRAS DE UMBERTO
PUIGGARI E HÉLIO SEREJO**

APROVADO EM: _____/_____/_____

Orientadora: Prof^a Dr^a Susylene Dias de Araujo
UEMS

Prof. Me. Rosicley Andrade Coimbra
UEMS

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato
UEMS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Noedir e Jandira, pela incansável dedicação e incentivo em minha educação;

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Susylene Dias de Araujo, pela atenção e apoio durante todo o percurso de pesquisa que resultou neste trabalho;

Ao Prof. Dr. Fábio Dobashi, que nos anos de convivência, muito me ensinou, contribuindo para meu crescimento intelectual e pessoal;

Ao Prof. Me Rosicley Andrade Coimbra por participar do processo de avaliação deste trabalho;

Aos meus colegas de graduação, Celeido, Edson, Norivaldo, Rogério, Rosana e Zulma, especialmente pela amizade e incentivo durante a realização do curso;

Ao Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsa de iniciação científica para a pesquisa intitulada “O narrador entre o fato e a ficção *Nas Fronteiras de Matto Grosso: Terra abandonada* de Umberto Puiggari”, realizada em 2010 e a partir da qual se originou este trabalho de conclusão de curso;

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) pela oportunidade de realização do curso de graduação e pela concessão de bolsa de iniciação científica em 2011 durante o projeto de pesquisa “Representações da violência: um estudo comparatista entre Hélio Serejo e Umberto Puiggari”, materializado nessa monografia.

A história não é o lugar da felicidade. Se os grandes homens da história têm sido frustrados ante o bem por causa do jogo da história entre eles, o que dizer das vítimas anônimas?

Paul Ricoeur

RESUMO

FERREIRA, Bruno Galassi. **As representações da violência nas obras de Umberto Puiggari e Hélio Serejo**. 2012. 50 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras hab. Port. Ingl., Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2012.

Este trabalho propõe uma análise comparada dos textos “Sismório: o gringo bochinheiro e bandido” e “Almas perversas” de Hélio Serejo com os textos “O Sismório” e “Noivado trágico” do livro *Nas fronteiras de Matto Grosso: Terra abandonada* (1933) de Umberto Puiggari, com o objetivo de evidenciar as representações da violência na obra de ambos os autores. Para tanto, analisaremos a imagem que os narradores criam de si, de suas narrativas, de seus narratários e, principalmente, de suas personagens, que são representadas como agentes ou vítimas da violência. Pensaremos a questão da violência por meio das reflexões da pensadora Hannah Arendt e da pesquisa historiográfica sobre a violência em Mato Grosso de Valmir Corrêa Batista. Determinadas similaridades temáticas entre as obras de Umberto Puiggari e Hélio Serejo fazem com que tenhamos de refletir também sobre a intertextualidade estabelecida em seus textos, que em diferentes épocas retrataram o vigoroso fenômeno da violência existente no Estado de Mato Grosso durante a primeira metade do século XX. Nesta perspectiva, este trabalho visa atingir uma melhor compreensão da obra desses importantes escritores para a literatura produzida em Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Umberto Puiggari, Hélio Serejo, Literatura de Mato Grosso, Literatura comparada, Violência

ABSTRACT

FERREIRA, Bruno Galassi. **The violence's representations at works by Umberto Puiggari and Hélio Serejo**. 2012. 50 p. TCC (Graduation) – Languages hab. Port. Eng., Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2012.

This work intends to make a comparative analysis of Hélio Serejo's texts "Sismório: o gringo bochinheiro e bandido" and "Almas perversas" with the texts "O Sismório" and "Noivado trágico" from the book *Nas fronteiras de Matto Grosso: Terra abandonada* (1933) by Umberto Puiggari. The aim is highlight the representations of violence in the work of the writers. Therefore, we will analyze the image that narrators create of themselves, of their narratives and especially of their characters, who are represented as agents or victims of violence. We'll think the issue of violence through the reflections of thinker Hannah Arendt and historical research on violence in Mato Grosso by Valmir Corrêa Batista. Certain thematic similarities between the works of Umberto Puiggari and Helio Serejo make we reflect on the intertextuality established in their texts, which portrayed the vigorous phenomenon of violence existing in the State of Mato Grosso during the first half of the twentieth century. In this perspective, this work aims to achieve a better understanding of the work of these important writers for the literature produced in Southern Mato Grosso.

Keywords: Umberto Puiggari, Hélio Serejo, Literature from Southern Mato Grosso, Comparative Literature, Violence

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – A LITERATURA COMPARADA	11
1 Breve história da Literatura Comparada	11
2 Principais conceitos para a produção literária	13
CAPÍTULO II – A VIOLÊNCIA	16
1 A violência enquanto forma de controle	16
2 A violência no Estado de Mato Grosso durante o início do século XX	20
CAPÍTULO III – OS ESCRITORES UMBERTO PUIGGARI E HÉLIO SEREJO	25
1 Umberto Puiggari: a denúncia explícita da violência	25
2 Hélio Serejo: um painel da cultura na fronteira Brasil-Paraguai	27
CAPÍTULO IV – AS REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA	32
1 A questão da representação nos textos analisados	32
2 O lendário bandido Sismório	33
3 As representações da violência em contextos familiares	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	46

INTRODUÇÃO

No ano de 2010, a pesquisa intitulada “O narrador entre o fato e a ficção *Nas Fronteiras de Matto Grosso: Terra abandonada*, de Umberto Puiggari” foi submetida para avaliação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), conquistando financiamento pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esta pesquisa inicial buscou esmiuçar a consciência do narrador/escritor com o objetivo de desvendar a relação entre história e literatura, o que resultou no artigo “As narrativas entre o fato e a ficção *Nas fronteiras de Matto Grosso – terra abandonada* de Umberto Puiggari” publicado pela revista *Raído* da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Além disso, a pesquisa foi indicada para concorrer ao 9º Prêmio Destaque do Ano na Iniciação Científica, promovido pelo CNPq, sendo escolhida entre as melhores cadastradas pela UEMS na área de Letras.

Em 2011, dando continuidade ao projeto, submetemos à avaliação do PIBIC/UEMS o projeto de pesquisa “Representações da violência: um estudo comparatista entre Hélio Serejo e Umberto Puiggari”, iniciativa que buscou identificar a maneira pela qual a violência se fazia presente nas obras de Puiggari, a partir de um diálogo estabelecido com a obra de Serejo. A pesquisa foi aprovada e seu resultado aqui se apresenta no formato de nosso trabalho de conclusão de curso de graduação.

Assim, o que pretendemos registrar pode ser sintetizado como um estudo comparativo entre os textos “O Sismório” e “Noivado trágico” de Umberto Puiggari, e “Sismório: o bochinheiro e bandido” e “Almas perversas” de Hélio Serejo, como tentativa de estabelecermos semelhanças e diferenças na maneira pela qual a violência é representada por meio da técnica narrativa e das personagens.

No primeiro capítulo, para entender a relação entre obras, contextualizamos o histórico da literatura comparada percebendo as mudanças de perspectivas relativas ao objeto literário que ocorreram ao longo da história da disciplina, especialmente as discussões sobre o “contato” entre obras e as relações entre crítica literária e outras disciplinas.

A partir daí, o estudo não perdeu de vista a temática da violência, temática que explicitamente se configura como o eixo das narrativas então analisadas. Dessa forma, no

segundo capítulo, recorreremos aos conceitos da pensadora Hannah Arendt (1985) ao relacionar política e violência, e também ao estudo historiográfico de Valmir Corrêa Batista (2005) sobre a violência no antigo Estado de Mato Grosso, registro que nos forneceu subsídios para o desvelamento das condições que propiciaram o vigoroso processo de violência na região. Os escritores Umberto Puiggari e Hélio Serejo viveram no contexto da violência no antigo Mato Grosso e narraram o que ouviram, portanto as biografias presentes no capítulo três são pertinentes para a compreensão das obras, por explicarem os objetivos da escrita de cada um deles.

A análise comparada propriamente dita compõe o quarto capítulo, que contém reflexões sobre a representação da violência nas obras analisadas a partir da comparação da personagem Sismório e da análise das narrativas que receberam os títulos de “Noivado trágico” e “Almas perversas”, assinadas por Puiggari e Serejo respectivamente.

Nas considerações finais, reafirmamos a importância cultural de Umberto Puiggari e Hélio Serejo, escritores que, apesar de não possuírem projetos estéticos ambiciosos, se preocuparam em escrever para retratar respectivamente a realidade e a história do antigo Mato Grosso.

CAPÍTULO I

A LITERATURA COMPARADA

1.1 Breve história da Literatura Comparada

Literatura comparada, segundo Carvalhal (1998), é uma forma de investigação literária, que confronta duas ou mais literaturas, porém percebemos que ela rotula pesquisas bastante variadas e com metodologias diversas. Além dos trabalhos que examinam a migração de temas ou buscam referências de fontes e sinais de influências, encontramos outros que comparam obras pertencentes a um mesmo sistema literário ou investigam processos de estruturação das obras.

Portanto, a literatura comparada, na concepção de Carvalhal (1998), não pode ser entendida apenas como sinônimo de “comparação”, porque esse método não é específico, sendo um procedimento mental que auxilia a generalização ou a diferenciação. Assim, a literatura comparada compara porque esse recurso possibilita uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos aos quais se propõe.

A disciplina em questão surgiu no século XIX, quando dominou nas ciências naturais a comparação entre estruturas ou fenômenos análogos com a finalidade de se extrair leis gerais. A partir disso, Abel-François Villemain se encarregou de divulgar a expressão, usando-a nos cursos sobre literatura do século XVIII, que ministrou na Sorbonne em 1828 e 1829 (CARVALHAL, 1998, p. 9).

No início dos estudos na literatura comparada, Baldensperger e Hazard definiram duas orientações básicas e complementares. A primeira era a de que a validade das comparações literárias dependia da existência de um contato real e comprovado entre autores e obras ou entre autores e países. Isso abria caminho para os estudos de fontes e influências, além do estudo sobre o destino das obras e de sua “fortuna crítica” fora do país de origem.

A segunda orientação, por sua vez, determinava a definitiva vinculação dos estudos literários comparados com a perspectiva histórica. Dessa forma, Brunetière, a partir dos conceitos de Hazard, lança os pressupostos de uma história dos grandes movimentos

literários com base na comparação entre eles, sendo considerado o teórico e praticante da evolução na literatura comparada (WELLEK apud CARVALHAL, 2004).

Essas duas orientações representam a “Escola Francesa”, que designa um grupo de estudos no qual predominam as relações “causais” entre obras ou entre autores e que mantém uma estreita vinculação com a historiografia literária (CARVALHAL, 1998).

O caráter normativo da orientação francesa, segundo Carvalhal (1998), decorre da existência de grande número de livros sobre literatura comparada. O mais conhecido desses manuais foi escrito em 1931 por Paul Van Tieghen, que define o objeto da literatura comparada como o estudo das diversas literaturas em suas relações recíprocas. O comparatista se questiona

[...] como poderia o especialista da literatura nacional conhecer um número suficiente de idiomas e de literaturas estrangeiras para descobrir, seguir de perto as múltiplas referências sofridas e os empréstimos feitos pelos escritores que ele está estudando? [...]

Existe uma única maneira de resolver esse problema: é fazer intervir a diferenciação de tarefas e a divisão do trabalho (TIEGHEN apud CARVALHAL & COUTINHO, 2004, p. 96).

Nessa perspectiva, o trabalho do comparatista deveria ser compartilhado, o que cria a distinção entre literatura comparada e literatura geral. Tieghen considera a primeira mais analítica e responsável apenas por estudos binários e a segunda corresponderia a uma visão mais sintética, podendo abarcar o estudo de várias literaturas.

As propostas clássicas dos franceses predominaram por muito tempo até sofrerem seu primeiro grande abalo em 1958 com uma conferência, proferida por René Wellek, denominada de “A crise da literatura comparada”. Nessa conferência, Wellek investe contra as fragilidades teóricas da disciplina e sua incapacidade de estabelecer um objeto de estudo distinto e uma metodologia específica.

O desejo de restringir a “literatura comparada” ao estudo do comércio exterior entre duas literaturas limita-a a uma preocupação com as aparências, com os escritores secundários, com traduções, diários de viagem, “intermediários”; em suma, torna a “literatura comparada” uma mera subdisciplina que investiga dados acerca de fontes estrangeiras e reputações de escritores (WELLEK apud CARVALHAL & COUTINHO, 2004, p. 110).

A crítica de Wellek se dirige aos comparatistas tradicionais, principalmente Baldensperger, Van Tieghen, Carré e Guyard, que em sua opinião encheram a literatura comparada de fatalismo, de cientificismo e de relativismo histórico. Wellek acredita que

isso reduziu a literatura comparada à análise de fragmentos, sem que houvesse a possibilidade de integrá-los. Além disso, a investigação do “comércio exterior” entre duas literaturas conduz o estudioso a se ocupar apenas com dados extraliterários.

A crítica de Wellek foi influenciada pelo formalismo russo, a fenomenologia e o *new criticism*, o que a orienta para a análise imanente do texto literário. Wellek também defende o estudo da literatura sem distinções artificiais, rejeitando inclusive a de literatura contemporânea e do passado. Essas ideias levaram a uma cisão na Literatura Comparada entre a orientação norte-americana e a francesa (CARVALHAL; COUTINHO, 2004).

Carvalho (1998) afirma que a principal contribuição de Wellek foi introduzir a reflexão crítica nos estudos comparados, porém, ele não define a atuação comparativista, arriscando fazê-la perder sua especificidade. A principal contribuição do crítico, contudo, foi a aceitação de estudos comparados no interior de uma só literatura, como o que estamos realizando nesta pesquisa.

Portanto, como muito bem pontuou Carvalho (1998), deve-se levar em conta que a Literatura Comparada não necessita excluir o histórico, mas ao lidar com dados literários e extraliterários ela fornece à crítica literária, à historiografia literária e à teoria literária uma base fundamental. Todas essas disciplinas concorrem em conjunto para o estudo do literário; resguardada a especificidade de cada uma, devem conviver sem se confundirem.

1.2 Principais conceitos para a produção literária

As relações entre as obras literárias sempre foram uma questão muito importante e delicada para a literatura comparada, uma vez que a especificidade da disciplina reside justamente em identificar e analisar os vínculos entre duas ou mais obras.

Nos primórdios da literatura comparada, o contato entre autores e obras precisava ser empiricamente comprovado por meio de dados concretos, que eram, na maior parte dos casos, informações extraliterárias. Baldensperger afirma que

Nenhuma clareza explicativa resulta de uma comparação que se contentasse com esse olhar simultâneo lançado sobre dois objetos, com essa constatação, condicionada pelo jogo das lembranças e das impressões, de semelhanças que podem bem não ser mais que pontos *erráticos* postos fugazmente em contato com uma simples fantasia do espírito (apud CARVALHAL & COUTINHO, 2004, p. 67, grifo do autor).

Essa postura foi adotada pela escola francesa até o final dos anos 1960, quando surge a “teoria da recepção”, que desloca o interesse da crítica moderna para a figura do leitor. Hans Robert Jauss, um dos representantes desse movimento, tenta recuperar a dimensão histórica para a interpretação literária. Jauss pretende que reconstruindo o “horizonte de expectativas” dos receptores (sistema de referência: gênero, forma e tema) se possa determinar a situação histórica de cada obra literária (CARVALHAL, 1998).

Os estudos da literatura comparada mais recentes consideram o receptor como determinante no processo interliterário e ressaltam, portanto, a dupla direção dos influxos. Dessa forma, segundo Carvalhal (1998), mesmo que a verificação do contato não seja indispensável, as ligações efetuadas nos permitirão esclarecer muito do procedimento produtivo de um autor.

Carvalhal (1998) também aponta que outros campos da investigação comparativista progrediram junto com o reforço teórico, entre eles, o das relações interdisciplinares. Literatura e artes, literatura e psicologia, literatura e folclore, literatura e história se tornaram objetos de estudos regulares que ampliaram os pontos de interesse e as formas de “pôr em relação”, características da literatura comparada.

Bakhtin, por sua vez, resgata a perspectiva diacrônica por meio da construção polifônica e do jogo dialógico e ideológico. Dessa forma, o texto escuta as vozes da história e não mais as representa como uma unidade, mas como um jogo de confrontações (CARVALHAL, 1998). A partir dessas teorias, Julia Kristeva chegou à noção de “intertextualidade”, que designa o processo de produtividade do texto literário. O processo de escrita é visto, então, como resultado também do processo de leitura de um *corpus* literário anterior. O texto, portanto, é absorção e réplica a outro texto (CARVALHAL, 1998).

Diante disso, o que era entendido como uma relação de dependência, a dívida que um texto adquiria com seu antecessor, passa a ser compreendido como um procedimento natural e contínuo de reescrita de textos. A compreensão do texto literário conduz à análise dos procedimentos que caracterizam as relações entre eles. Dessa forma, o comparativista examinaria as formas de apropriação, caracterizando os procedimentos efetuados e se perguntando por que determinado texto é resgatado em dado momento por outra obra. Quais as razões levaram o autor do texto mais recente a reler textos anteriores? Se o autor decidiu reescrevê-los ou copiá-los, que novo sentido lhes atribui com esse deslocamento?

Assim compreendida, a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística.

Dessa forma, este trabalho de conclusão de curso almeja colaborar para uma história das formas literárias em Mato Grosso, traçando o percurso de sua evolução e situando crítica e historicamente os fenômenos literários.

Tais procedimentos permitem observar os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção literária. Portanto, deve-se articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas.

CAPÍTULO II

A VIOLÊNCIA

2.1 A violência enquanto forma de controle

Neste trabalho, conceituamos a violência apoiados nas reflexões propostas pela pensadora Hannah Arendt (1970) no livro *Da violência*, escrito num período de extrema violência, a guerra fria. Em linhas gerais, podemos dizer que a pensadora define violência como um meio de controle do homem sobre o homem.

Inicialmente a autora nos questiona sobre a natureza do poder, perguntando se esse fenômeno seria uma força qualificada ou institucionalizada ou, então, um tipo de violência mitigada. Já houve várias formas de governar: monarquia, oligarquia, aristocracia e democracia. Contudo, no século XX o principal tipo de governo é a burocracia, que funciona por meio do domínio de um intrincado sistema de órgãos no qual nenhum homem pode ser tido como responsável, e que com muita propriedade poderia ser chamado de o “domínio de ninguém” (ARENDR, 1985, p. 21). Tal forma de governo diminuiu drasticamente o poder dos indivíduos, uma vez que ninguém pode ser responsabilizado pelas ações do governo.

Além disso, é o apoio do povo que confere poder às instituições de um país, e esse apoio nada mais é que a continuação do consentimento que deu origem às normas legais. “Certamente, uma das mais óbvias distinções entre o poder e a violência é que o poder tem necessidade de números, enquanto que a violência pode, até certo ponto, passar sem eles por basear-se em instrumentos” (ARENDR, 1985, p.22). Dessa forma, a força e a violência são técnicas bem-sucedidas de controle social e persuasão desde que tenham amplo apoio popular.

Assim, Arendt (1985) identifica vários meios pelos quais o homem governa o homem:

- Poder: corresponde à habilidade humana de agir em comum acordo;

- Vigor: trata-se de uma qualidade inerente a um objeto ou pessoa e que pertence ao seu caráter, a qual pode se manifestar em relação a outras coisas e pessoas, mas que é essencialmente independente deles;
- Força: indica a energia liberada através de movimentos físicos e sociais, designando as “forças da natureza” ou as “forças das circunstâncias”;
- Autoridade: pode ser aplicado às pessoas ou a cargos, contudo sua principal característica é o reconhecimento sem discussões por aqueles que são solicitados a obedecer, nem a coerção e nem a persuasão são necessárias;
- Violência: distingue-se por seu caráter instrumental e está próxima do vigor, pois seus instrumentos são concebidos e usados para o propósito da multiplicação do vigor natural até que, no último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo.

Hannah Arendt (1985) afirma ainda que

Quando as ordens já não são obedecidas, os instrumentos da violência não são de utilidade alguma; e esta obediência não é decidida pela relação autoridade-obediência, mas pela opinião pública, e, é claro, pelo número de pessoas que compartilham dela. Assim, onde quer que o poder tenha se desintegrado, as revoluções são possíveis, mas não necessárias. Tudo depende do poder por detrás da violência. O repentino colapso do poder, prenunciando as revoluções, revela como a obediência civil – às leis, aos governantes, às instituições – nada mais é do que a manifestação exterior de apoio e consentimento (ARENDR, 1985, p. 26).

Dessa forma, governo algum, exclusivamente baseado nos instrumentos da violência, jamais existiu, pois um governo sempre precisa de uma base de poder. Também homens isolados sem outros que os apoiem nunca têm poder suficiente para fazer uso da violência de maneira bem-sucedida (ARENDR, 1985).

Portanto, o poder não precisa de justificativas sendo inerente à existência das comunidades políticas; mas precisa de legitimidade, enquanto que a violência depende de formas de implementação para o aumento e multiplicação da força humana (ARENDR, 1985).

A violência e o poder, embora fenômenos distintos, geralmente apresentam-se juntos. Porém, à violência é sempre dado destruir o poder e o que jamais pode florescer da violência é o poder. Substituir a violência pelo poder pode trazer a vitória, todavia o preço

é muito alto: pois é pago não apenas pelo derrotado, mas também pelo vitorioso em termos de seu próprio poder (ARENDDT, 1985).

Arendt (1985) opõe o poder à violência: onde um predomina de forma absoluta, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está, mas caso se deixe percorrer seu curso natural, o resultado será o desaparecimento do poder. Enfim, a violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo.

Também devemos explicar os motivos que já foram elencados para o surgimento da violência. Arendt (1985) rechaça os estudos biológicos que tentam comparar o comportamento humano com o animal, pois pensa que o homem não age necessariamente como os animais em virtude de sua razão, que torna o ser humano perigosamente “irracional”.

Além disso, Arendt (1985) alega que considerar o ódio como origem da violência é um lugar-comum, porque o ódio surge quando o homem suspeita que as condições poderiam ser mudadas e não o são. A violência é um recurso tentador quando se enfrenta acontecimentos ou condições ultrajantes, em razão de sua proximidade e rapidez. Agir com deliberada rapidez vai contra a essência do ódio e da violência, porém, isso não os torna irracionais. Esse fato ocorre, pois há situações nas quais a própria rapidez de uma ação violenta seja talvez a solução mais adequada, ou em outras palavras, a violência – atuando sem argumentos ou discussões e sem atentar para as consequências – é a única maneira de se equilibrar a balança da justiça da maneira correta.

Dessa forma, o ódio e a violência tornam-se irracionais apenas quando dirigidos contra substitutos, então, as confissões de culpa coletiva são a melhor salvaguarda possível contra a descoberta dos culpados, e a própria extensão do crime a melhor desculpa para não se fazer nada. Isso demonstra que utilizar a razão quando esta é usada como uma armadilha não é “racional”; assim como utilizar uma arma em autodefesa deixa de ser “irracional”.

Em relação à violência coletiva Arendt (1985) afirma que na ação militar assim como na revolucionária “o individualismo” é o primeiro valor a desaparecer; enquanto surge uma coesão grupal, mais intensa e comprovadamente um vínculo muito mais forte, embora menos duradouro do que todas as variedades de amizades, públicas, ou particulares, porque

Para a experiência humana, a morte indica o extremo da solidão e da impotência, portanto é a experiência mais anti-política que existe, pois a política depende de

nossos semelhantes. Mas quando encarada coletivamente e em combate, a morte transforma o seu semblante; e nada parece capaz de intensificar mais a nossa vitalidade do que a sua proximidade (ARENDDT, 1985, p. 42).

Todas as revoluções foram dirigidas contra os poderes estabelecidos “apenas aparentemente”, pois seu resultado foi conferir ao Poder novo vigor e altivez, destruindo os obstáculos que há muito vinham obstruindo seu desenvolvimento (ARENDDT, 1985).

A violência, sendo instrumental por natureza, é racional até o ponto de ser eficaz em alcançar a finalidade que deve justificá-la. Portanto, a violência só pode manter-se racional quando busca objetivos em curto prazo. Se os objetivos não forem alcançados rapidamente, o resultado será não meramente a derrota, mas a introdução da prática da violência em todo o organismo político (ARENDDT, 1985).

Arendt (1985) afirma ainda que a burocracia é a forma de poder capaz de privar todos de liberdade política, do poder de agir; já que o “Governo de Ninguém” não é a ausência de governo, e onde todos são igualmente destituídos de poder temos uma tirania sem tirano. O que torna o homem um ser político é a faculdade de agir; esta lhe possibilita reunir-se aos pares, agir de comum acordo e buscar objetivos que jamais teria em mente; e que muito menos desejaria, se não lhe houvesse sido outorgada essa faculdade: a de dedicar-se a alguma coisa nova.

Nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, pois pertencem ao setor político das atividades humanas cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem de agir, a habilidade de iniciar algo de novo. Desta forma, grande parte da glorificação da violência é causada por uma séria frustração da faculdade de agir no mundo moderno (ARENDDT, 1985).

Hannah Arendt (1985) alega que sejam quais forem as vantagens administrativas ou desvantagens da centralização, seu resultado político é sempre o mesmo: monopolização do poder causando esterilidade de todas as fontes autênticas de poder no país, o que explicaria o grande número de movimentos separatistas. Exemplo disso foi a Revolução Constitucionalista em Mato Grosso, que teve claros fins separatistas como explicaremos mais adiante. A falha desse movimento levou a uma desestruturação do poder em Mato Grosso, o que foi um convite à violência.

2.2 A violência no Estado de Mato Grosso durante o início do século XX

No livro *Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889-1943)* o historiador Valmir Batista Corrêa analisa o fenômeno da violência no Estado de Mato Grosso. Por meio deste estudo, realizaremos uma breve contextualização da violência em Mato Grosso durante o período retratado pelos escritores, a primeira metade do século XX.

A violência no sul do antigo Estado de Mato Grosso é, em primeiro lugar, resultante do processo de colonização da região, uma vez que os primeiros exploradores portugueses tiveram de enfrentar os indígenas, que defendiam sua terra e os espanhóis, que lutavam para aumentar seus domínios sobre as possessões lusitanas (CORRÊA, 2006). Além dessas causas sociais, o isolamento da região em relação aos grandes centros também contribuiu muito para o processo de violência.

Valmir Corrêa (2006) afirma que após a independência, o quadro se agravou, pois houve a Guerra da Tríplice Aliança, na qual os soldados brasileiros eram despreparados e estavam desamparados pelo governo, assim, os próprios habitantes de Mato Grosso tiveram de se armar para se defender dos invasores.

Nesse período, a economia do sul de Mato Grosso foi devastada com vilas destruídas, com a economia desarticulada e com um grande vazio populacional. Dessa forma, a província teve de ser reconstruída sem alternativas de desenvolvimento econômico e dependente de verbas do governo monárquico. Houve também uma desarticulação dos mecanismos de controle do governo, como as guarnições. Portanto, a reconstrução foi realizada necessariamente por malfeitores e desertores, que cometiam vários crimes, como o roubo de gado e o tráfico de mão-de-obra escrava paraguaia. Tais bandidos não podiam ser combatidos, uma vez que as forças militares estavam reduzidas e sem meios de comunicação e locomoção, causando morosidade e ineficiência.

A proclamação da república não trouxe mudanças e a violência aumentou em decorrência das lutas políticas travadas pelos coronéis, porque

Foi a partir desse momento que, paralelamente ao fenômeno coronelista e também como uma consequência do domínio dos *coronéis*, desenvolveu-se em Mato Grosso um banditismo sem precedentes na história brasileira. A região mato-grossense passou, então, a ser conhecida como *terra sem lei*, ou onde a única lei existente obedecia ao *artigo 44*, ou seja, a lei do *calibre 44* (CORRÊA, 2006, p. 37, grifos do autor).

O surgimento de um povo armado em Mato Grosso, segundo Corrêa (2006), é resultado de um Estado fraco, que não conseguia fazer a lei ser cumprida. Havia também o contato fronteiriço, que facilitava a fuga dos criminosos e a aquisição de armas. A combinação desses fatores levava a uma total impunidade.

Dessa forma, os coronéis se uniam em diversos grupos políticos, muito heterogêneos quanto à sua atuação, força bélica e poder econômico. A principal característica dos coronéis de Mato Grosso foi a sua grande capacidade de mobilização de forças, constituindo-se *oligarquias tribais*. Os coronéis, isoladamente ou em grupos, defendiam seus interesses pessoais e familiares, e ao mesmo tempo, posicionavam-se também em relação à divisão entre o norte e o sul do estado, fomentando um regionalismo que se mesclava aos seus interesses políticos mais restritos (CORRÊA, 2006).

Os coronéis mobilizavam suas forças em todo o Estado, objetivando a derrubada do grupo dominante e, ao mesmo tempo, provocando uma imediata movimentação de forças contrárias em defesa do poder situacionista. A perspectiva do governo estadual em situar a região sul como um simples suporte, ou elemento de barganha numa composição política, permitiu desenvolver um regionalismo que aprofundou as divergências entre uma região e outra do estado. Esse regionalismo constituiu-se num embrião do separatismo que aflorou em épocas distintas e momentos críticos da evolução política de Mato Grosso, uma vez que os coronéis consideravam impossível tomar o poder estadual. Por outro lado, durante muito tempo o governo estadual entendeu o separatismo como o grande perigo a ser evitado e combatido, reprimindo todas as ideias separatistas (CORRÊA, 2006).

O que realmente caracterizou a atuação política nesse período foi, de fato, a ação armada. Nesse sentido, o poder político e econômico de um *coronel* estava estreitamente relacionado à sua capacidade de mobilização de homens armados, em situações de crise e disputa pelo poder (CORRÊA, 2006, p. 68, grifo do autor).

Dessa maneira, os coronéis que colaboravam com o governo recebiam apoio oficial com armas, além do pagamento de alimentação e munição do governo estadual. Enquanto que os coronéis rebeldes conseguiam recursos através de expropriações, denominadas de requisições, durante as quais as pessoas eram coagidas a ajudar e recebiam uma nota que garantia pagamento posteriormente. Isso transformou a luta armada em Mato Grosso numa atividade econômica, que ocupava a mão-de-obra ociosa e marginalizada do processo produtivo pelo monopólio das terras (CORRÊA, 2006).

Portanto, os bandidos tiveram um envolvimento direto nas lutas políticas da região. A violência também foi favorecida pela falta de controle do poder estatal na fronteira, que facilitava o contrabando de mercadorias, inclusive armas e a mobilização de bandidos nos dois lados da fronteira, além das disputas coronelistas (CORRÊA, 2006).

Porém, com a intervenção federal, na década de 1920, houve um lento e contínuo declínio do poder dos coronéis. “Assim, algumas expressões do *coronelismo* mato-grossense tais como os usineiros do norte e os grandes proprietários do sul, passaram então a conviver com novas forças políticas emergentes no Estado, que definiram os rumos da disputa pelo poder até a década de [19]30” (CORRÊA, 2006, p. 140, grifo do autor). Nesse sentido, a intervenção significou uma tentativa de controle do poder central sobre o local, interferindo nesse processo de mudança política.

No Sul do Estado o grande fator de crescimento populacional foi o fluxo migratório procedente em sua maioria do sul do país, com destino à região fronteira mato-grossense. Contudo as alternativas de trabalho dependentes das atividades exclusivas do campo (como a pequena propriedade agrícola), assim como as atividades extrativas (a mineração, por exemplo), estavam reduzidas pela tendência à formação de imensos latifúndios e pela acentuada fase de declínio dos principais produtos de exportação do Estado (CORRÊA, 2006, p. 142).

Nessa época, os paulistas passaram a comprar a carne mato-grossense, o que criou um vínculo entre o sul de Mato Grosso e o Estado de São Paulo, e conseqüentemente a transferência do núcleo econômico Cuiabá-Corumbá-Paraguai para Campo Grande. Junto com a ferrovia Noroeste do Brasil houve também uma maior mobilização de tropas e repressão da atividade guerreira. Outro fato que diminuiu o poder dos coronéis em Mato Grosso foi o crescimento dos núcleos urbanos, o que provocou uma grande evasão de pessoas (CORRÊA, 2006).

A primeira metade da década de 1920 também foi marcada pela grande repercussão no sul de Mato Grosso de movimentos militares, como a passagem da Coluna Prestes. Esse envolvimento do sul repercutiu na situação financeira de todo Estado, uma vez que a região concentrava a maior parcela da arrecadação fiscal de Mato Grosso (CORRÊA, 2006).

Na década de 1930, Mato Grosso já não era conturbado pelas lutas dos coronéis guerreiros, percebendo-se a presença efetiva do governo federal. O primeiro interventor do Estado foi o coronel do exército Antonino Mena Gonçalves que assumiu em 3 de novembro de 1930 (CORRÊA, 2006).

Porém, em 1932, o sul de Mato Grosso aderiu aos Constitucionalistas de São Paulo contra Getúlio Vargas, o que significou um rompimento definitivo com a fase anterior da evolução histórica de Mato Grosso, marcada pela ação dos coronéis do sul e por lutas, que fermentavam o separatismo, mas que preservavam o contato com o norte (CORRÊA, 2006).

Assim, a revolução deu ao separatismo um novo impulso, irradiando de Campo Grande sob a influência de São Paulo para a região. Isso ocorreu pela frustração do sul em relação à revolução de 1930 e pelo apoio do general Bertoldo Klinger, que fundou um Estado independente sob o governo de Vespasiano Barbosa. A única reação do governo foi o 16º BC de Cuiabá, que fiel ao governo e ao interventor Leônidas de Matos deslocou-se para o sul. Os combates somente se encerraram no sul quando os combatentes souberam da derrota paulista (CORRÊA, 2006).

De acordo com Corrêa (2006), os envolvidos diretos na revolução tiveram seus direitos cassados, ficando impedidos de participar das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte de 1933. Forma-se, então, a Corrente Constitucionalista para enfrentar o Partido Liberal, porém os direitos da corrente foram cassados e o pleito anulado. Por fim, a Corrente conseguiu eleger alguns candidatos.

Diante dessa situação, a liga sul mato-grossense pede ao governo para criar um estado ou território federal, mas não são prontamente atendidos. Os usineiros do norte são submetidos a castigos humilhantes e os coronéis do sul presos, porque com a ordem do Estado Novo, não haveria espaço para a existência de um povo armado e acostumado a excessos de liberdade, numa região distante, de grandes dimensões e com uma fronteira internacional igualmente extensa (CORRÊA, 2006).

A origem do fenômeno da violência no Estado de Mato Grosso surgiu por meio da ação de grandes proprietários e milícias estaduais em Mato Grosso, que fizeram aparecer o banditismo rural. Corrêa (2006) afirma que o sul de Mato Grosso era mais propício ao banditismo por ter como principal atividade econômica a pecuária com produção extensiva e primitiva com baixa absorção de mão-de-obra, marginalizando um grande número de pessoas, que tiveram de optar pelo banditismo. A região de fronteira também sofria muito com a violência dos estrangeiros. Além disso, a migração gaúcha trouxe para Mato Grosso ex-soldados, revolucionários fugitivos e até mesmo criminosos, que implementaram seus hábitos de vida e de luta ao cotidiano do estado, como a degola, muito utilizada nas lutas coronelistas e em atos criminosos.

Segundo Corrêa (2006), é a partir de 1937 que se promulga o desarmamento dos coronéis, decretando à força o desaparecimento dos remanescentes do coronelismo guerreiro do sul e das lutas e campanhas separatistas. O Estado Novo utilizou-se da censura, da força dos decretos e até mesmo do exército no combate ao banditismo, porém as circunstâncias favoráveis à violência e o contexto sócio-histórico continuavam os mesmos, fazendo com que a violência permanecesse por muito tempo na cultura de Mato Grosso.

CAPÍTULO III

OS ESCRITORES UMBERTO PUIGGARI E HÉLIO SEREJO

3.1 Umberto Puiggari: a denúncia explícita da violência

Umberto Puiggari é o nome simplificado de Humberto Puiggari Coutinho de acordo com Côrrea (apud Centeno, 2007). Humberto nasceu em 1878 (CORRÊA, 2008) na cidade paulista de Cirica (GONÇALVES, 2008) e exerceu atividades comerciais em diversas localidades do sul do antigo Mato Grosso (CORRÊA, 2008). Durante sua permanência na região, ele anotou as “conversas de balcão” que escutava, vivenciou fatos históricos como a participação do sul de Mato Grosso na revolução Constitucionalista e ainda foi amigo de Vespasiano Barbosa Martins¹.

Nas fronteiras de Mato Grosso: Terra abandonada foi publicado em 1933 como uma edição da Casa Mayença, localizada em São Paulo. O livro é composto de vinte e três textos que descrevem a fronteira entre o Brasil e o Paraguai por meio de relatos orais recolhidos na região. Centeno (2007) aponta que o ano de publicação da obra coincide com o da mudança do escritor para Londrina (PR)². Isso talvez se deva ao fato de o escritor criticar a sociedade mato-grossense da época, denunciando várias injustiças cometidas por pessoas influentes na região.

Além disso, podemos nos indagar sobre os motivos que levaram o livro a ser publicado somente em São Paulo e não no local retratado pelo texto. O próprio Umberto Puiggari alega no prefácio que “O que adiante se vê, necessario era que alguém escrevesse. E como na região em que esses fatos se passaram não existem litteratos e muito menos academicos, o auctor reuniu esses mesmos factos em um livro [...]” (1933, p. 7),

¹ Vespasiano Barbosa Martins (1889-1965). Médico e político; foi prefeito de Campo Grande por três vezes; senador da República por dois mandatos e governador do Estado de Maracaju, unidade federativa com sede em Campo Grande instituída durante a revolução de 1932, quando o sul de Mato Grosso aderiu aos Constitucionalistas. Esse Estado permaneceu por cerca de três meses e desapareceu com o movimento que o originou. Vespasiano sempre defendeu a divisão de Mato Grosso, porém não viveu o suficiente para ver sua aspiração se concretizar, o que aconteceu efetivamente apenas em 1977 (MARTINS, 2011).

² Humberto Puiggari Coutinho fundou em 1934 o primeiro jornal de Londrina, denominado de Paraná Norte e que circulou até a década de 1950. Em Gonçalves (2008) é possível encontrar mais informações referentes ao desenvolvimento da imprensa no norte do Paraná.

³ Em todas as citações de *Nas fronteiras de Matto Grosso: Terra abandonada* a ortografia da edição publicada em 1933 foi conservada.

demonstrando que o antigo sul de Mato Grosso ainda não era propício ao surgimento de um sistema literário.

Desse modo, o livro de Puiggari pode ser considerado dentro da literatura produzida em Mato Grosso do Sul como uma manifestação literária, termo utilizado por Antonio Candido (1981) para denominar obras surgidas num meio social desprovido de um conjunto de produtores literários, de um conjunto de receptores e de um estilo, que ligue esses elementos entre si. Rosa e Nogueira confirmam esse fato, pois “as primeiras manifestações literárias de Mato Grosso do Sul aconteceram em revistas e jornais dos municípios mais antigos” (2011, p. 322), uma vez que o incentivo ao livro iniciou-se somente em 1985 com a Lei Estadual de Incentivo à Cultura, que criou o Fundo de Investimentos Culturais de MS (FIC/MS). Portanto, não havia meios de Umberto Puiggari publicar sua obra em Mato Grosso, além disso, em São Paulo, a denúncia e mobilização do governo federal seriam muito mais eficazes.

Na contracapa da primeira edição⁴, observa-se um mapa, que reproduz os principais locais retratados pelo autor/narrador: Bela Vista, Campo Grande, Nioaque e Ponta Porã. Esses lugares correspondem ao sul do antigo Estado de Mato Grosso e se localizam entre os rios Paraguai e Paraná. Logo abaixo há outra figura que representa alguns migrantes de Mato Grosso.

Com essas informações iniciais, podemos constatar que a intenção principal da obra é descrever a difícil vida na fronteira Brasil-Paraguai por meio de narrativas bastante conhecidas e contadas pelas pessoas simples que viveram e trabalharam na região, porém,

[...] o escritor [brasileiro] se habitou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, esta circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhes permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficiente vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas *elites* (CANDIDO, 2006, p. 94-95, grifo do autor).

É o que ocorreu com a obra de Umberto Puiggari que teve pequena tiragem. Corrêa (2008) afirma que os originais do livro foram guardados por Vespasiano Barbosa e anos depois doados por Wilson Barbosa Martins, primeiro governador eleito de Mato Grosso do Sul, para o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS). Em 2011 essa instituição publicou uma nova edição da obra como um volume da série *Memória Sul-*

⁴ Vide anexo B.

Mato-Grossense. Essa nova edição conta com uma introdução de Valmir Corrêa Batista e alguns textos presentes apenas no manuscrito, que são citados por Umberto Puiggari no livro de 1933 para a possível composição de uma segunda edição, que o autor não conseguiu concretizar.

Portanto, estudar a obra de Umberto Puiggari é resgatar uma manifestação literária, que retratou de forma escancarada a violência que assolou o antigo Estado de Mato Grosso, em especial na sua fronteira com o Paraguai.

3.2 Hélio Serejo: um painel da cultura na fronteira Brasil-Paraguai

Hélio Serejo é considerado um dos maiores, senão o maior dos escritores de Mato Grosso do Sul. Além disso, a bibliografia é bastante extensa, incluindo inúmeras obras, entre as quais *Homens de Aço* (1946), *Prosa Xucra* (1971), *Vida de Erval* (1975) e *Sismório, o gringo bochinheiro e bandido* (1991).

A trajetória de vida deste escritor é muito prolixa, portanto realizamos uma sintética biografia e compilamos alguns comentários a respeito do autor. Iniciemos nossa exposição com algumas palavras escritas pelo próprio autor em 1973 para sua posse na Academia Mato-Grossense de Letras:

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e aragano, que no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias matogrossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos “barbaquás”, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da “jungle”, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra (SEREJO apud REIS, 1980, p.16).

Assim, Serejo declara sua estreita ligação com a região de fronteira entre Brasil e Paraguai, apesar de naquela época morar na cidade paulista de Presidente Venceslau (na divisa com Mato Grosso do Sul). Traçaremos a biografia do escritor, principalmente com as informações presentes no riquíssimo livro *Os treze pontos Hélio Serejo* (1980), do escritor ponta-poranense Elpídio Reis.

Hélio Serejo nasceu em 1º de julho de 1912 na cidade de Nioaque (MS). O escritor é filho do cuiabano Francisco Serejo, que segundo Reis (1980) foi incorporado como tenente da Guarda Nacional em Corumbá, sendo transferido no ano de 1900 para o então arraial de Ponta Porã para combater o banditismo na região. Em 1901, Francisco se casou com Ernestina Batista, com quem teve dez filhos, sendo Hélio o sétimo.

Francisco deixou a Guarda Nacional e foi para Nioaque, onde se tornou proprietário da fazenda São João, onde Hélio nasceu. Em 1917, Francisco vendeu a fazenda e Hélio com cinco anos se mudou com a família para Ponta Porã, onde começou a estudar e a se destacar como aluno (REIS, 1980).

Reis (1980) também comenta que, aos catorze anos, Serejo trabalhava com Francisco na torrefação de café e até recebeu do pai o título de Gerente. Em pouco tempo, o rapaz passou a administrar o negócio, enquanto o pai iniciou uma nova atividade: viajar, medir terras, além de comprar e vender gado.

Dessa forma, Francisco montou a Ranchada de Ajuricaba-Mirim às margens do rio Ivinhema e logo depois a de Porto Baunilha na margem direita do rio Paraná. Reis (1980) afirma que em Porto Baunilha o jovem Serejo realizava pesadas tarefas, como cozinhar o locro (milho cozido com carne), comprar o custo (rês para o sustento do trabalhador ervateiro), atender a comissária (armazém de suprimento), ajudar na monteação (procura de árvores de mate). Além disso, foi balanceador (pessoa encarregada de pesar o raído ou braçada de folhas que o mineiro traz às costas). Mineiro é o trabalhador que poda ou corta as folhas da erva-mate e depois as transporta às costas caminhando pelo meio do mato.

Reis escreve que Serejo “ao mesmo tempo que se entregava ao trabalho pesado das ranchadas, vivia se metendo nas pesquisas do pai” (1980, p. 51). Francisco é descrito como um homem culto, que gostava muito de ler, apesar de viver num meio rústico, chegando até mesmo a escrever um *Dicionário dos charadistas e cruzadistas*, que levou trinta anos para ser composto e que abarcava diversas áreas do conhecimento humano (REIS, 1980). Esse fato com certeza contribuiu para a formação intelectual e cultural de Serejo.

Hidelbrando Campestrini (2003) afirma que o jovem Serejo ficou encantado com o mundo da indústria ervateira, anotando tudo que podia sobre as plantas, a floresta, os animais, as pessoas e as paisagens. Essas impressões foram anotadas em sessenta e quatro cadernos, que incluíam também observações sobre a história regional. Dessa forma, o escritor conseguiu transformar essas anotações em cinquenta e nove livros, segundo contagem do próprio Serejo (CAMPESTRINI, 2003).

Durante a juventude, Serejo tinha o sonho de se tornar engenheiro, porém não poderia entrar na faculdade sem fazer o curso regular de ginásio, que naquela época só havia em Campo Grande, muito longe de Ponta Porã onde ele morava na época (Reis, 1980).

Por isso, Serejo decidiu seguir a carreira militar e ingressou como voluntário no 3º Regimento de Infantaria, sediado naquela época na Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Segundo Campestrini (2003) Serejo foi aluno brilhante e já era cabo sinalizador, pronto para ser promovido, mas em 1935 estourou a Intentona comunista e ele que fora dormir no quartel, acabou sendo preso com os demais. Depois de seis meses de prisão rigorosa, que lhe deixou sérias sequelas, foi solto. Então, voltou para o sul de Mato Grosso e para o mundo da erva-mate, onde continuou a desenvolver seus textos.

Depois disso, Serejo foi nomeado Fiscal de Rendas nas cidades de Rio Brilhante, Maracaju e Dourados (MS). Em Rio Brilhante, conhece sua esposa Henriqueta Barbosa Martins e por isso se recusou a ser transferido. Então, resolveu se tornar oficial do Registro Civil de Rio Brilhante e, em 1939, se casou, porém o escritor teve a câimbra dos escrivães, o que o obrigou a se mudar para Campo Grande em busca de tratamento médico (REIS, 1980).

Em 1943, o governo Getúlio Vargas criou o Território Federal de Ponta Porã e Serejo foi chamado para ser Chefe do Departamento de Terras e Colonização, contudo, foi acometido por uma doença dos olhos que o obrigou a se mudar para São Paulo. Segundo Reis (1980) essa doença fez Serejo perder totalmente a visão do olho esquerdo e parcialmente a do direito, portanto, Serejo é descrito como um “bolicho de doenças”, que teriam sido provações.

No ano de 1948, Serejo foi para a cidade de Presidente Venceslau (SP) e recebeu um convite para trabalhar num jornal com o auxílio de uma secretária que lhe escrevia os textos, pois o escritor estava se tratando de sua doença nos olhos. Nessa época ele aceitou também o emprego de Delegado de Recenseamento da Região de Rio Brilhante, fixando-se dessa forma na cidade de Presidente Venceslau (REIS, 2008), onde viveu a maior parte de sua vida. Hélio Serejo faleceu em Campo Grande (MS) na noite de 8 de outubro de 2007, sendo sepultado no cemitério Parque das Primaveras.

As *Obras completas* de Hélio Serejo foram organizadas em 2008 por Hidelbrando Campestrini e publicadas pelo IHGMS. Em vista disso, notamos que a obra de Hélio Serejo está no momento atual com o seu processo de redescoberta mais avançado, até

mesmo com alguns estudos críticos na área de literatura, como Souza (2009) e Mendonça (2008). Ao contrário do que acontece com o outro escritor, Umberto Puiggari, cuja obra permanece no momento praticamente desconhecida do meio acadêmico, especialmente da crítica literária, o que mudará com a nova edição publicada pelo IHGMS.

Hélio Serejo sempre manteve intensa atividade no meio intelectual, sendo escritor, jornalista, poeta e folclorista. Ele escreveu artigos para vários jornais de Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro. O escritor também manteve programa na rádio Presidente Venceslau e escreveu poemas para a rádio Tupi, além de ter o texto regionalista “Lua de Brejo” adaptado para a TV Record de São Paulo em 1955 (REIS, 1980).

Reis (1980) também afirma que vários dos artigos regionalistas de Serejo foram publicados no “Jornal da Tarde” de Lisboa (Portugal), têm trabalhos sobre folclore e um conto traduzido publicados no Uruguai, além de cooperar com a “Sociedade Mexicana de Folclore” e com o “Departamento de Difusão e Cultura do Paraguai” por meio de seus trabalhos. Ele também foi incluído no *Dicionário Internacional de Lendas*, editado na Inglaterra, com a lenda “Por que o Jaburu é triste”.

Além disso, Serejo foi membro de diversas Academias, Centros Culturais e Sociedades, entre elas a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, a Academia Mato-Grossense de Letras, a Academia de Letras de Curitiba (PR), o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, o Centro Folclórico Sul-Americano de Bogotá (Bolívia), a Cultura Crioula de Paissandu (Uruguai), a Sociedade de Pesquisa Folclórica de Lisboa, (Portugal), o Centro de Cultura Folclórica de Assunção (Paraguai) e a Sociedade de Cultura D. Pedro II do Rio de Janeiro (ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS, 2011).

Depois de tudo isso, devemos concordar com Vasco José Taborda, presidente da Academia Paranaense de Letras, quando afirma que “Quem não se empolga lendo Hélio Serejo! Ele, inegavelmente, criou a ‘sua literatura’, adornada de regionalismos, emoldurada por um crioulisto cheio de encantos, de vibração e também de modorrência” (TABORDA apud REIS, 1980, p. 111). José Couto Vieira Pontes, presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras afirma que

Hélio Serejo contribui, incontestavelmente, para as letras sul-matogrossenses, com uma obra de valor histórico-social e folclórico digna de elogios, mesmo que não tenha percutido os domínios da transfiguração ficcional ou transgredido as normas da estética tradicional. Sua preocupação de escritor conservador detém-se na captação do RUS Sul-Matogrossense, principalmente da fronteira,

registrando os costumes, as usanças, o linguajar e os tão pitorescos abusões (PONTES apud REIS, 1980, p. 115).

O organizador das obras de Serejo, Hidelbrando Campestrini (2003), define-o como “o mais completo escritor sul-mato-grossense”. Paulo Nolasco Santos afirma que a riqueza dos textos do escritor provém do fato de constituírem “[...] um imenso painel de análise de aspectos tão múltiplos quanto originais na abordagem das questões linguísticas e literárias a partir da convivência com os ervateiros, à época gloriosa da extração da erva-mate” (2009, p. 85). Por fim, reproduzimos o interessante comentário que se encontra no estudo historiográfico de Centeno:

[...] Serejo é o contador do cotidiano dos trabalhadores fronteiriços, seu tema preferido, realizado em crônicas e versos, com especial maestria. Qual a razão disso? Sua vida simples de pequeno proprietário o aproximara desses homens e, por isso, em muitos momentos, ele relata sentimentos vividos e sofridos junto com eles, compartilhando, no dia-a-dia, as dores desses trabalhadores (2007, p. 71).

Portanto, pretende-se com esta pesquisa demonstrar não somente a representação literária da violência, mas também delinear a formação de uma literatura em Mato Grosso do Sul que se serviu de uma tradição surgida da história e cultura oral da região. As narrativas analisadas revelam vários aspectos relativos à violência e resgatam esse difícil momento da história do Estado de Mato Grosso.

CAPÍTULO IV

AS REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA

4.1 A questão da representação nos textos analisados

O tema que trataremos antes de partir para a análise dos textos é que a escrita de Umberto Puiggari e de Hélio Serejo partiu de narrativas orais, porém esse material é utilizado de maneiras diferentes.

A riqueza dos textos destes escritores deve-se principalmente ao fato de que “[...] entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1944, p. 197). Contudo, a voz do contador, seja oral ou escrita, sempre interfere nos discursos recolhidos, porque “nenhuma narrativa é natural, uma escolha e uma construção sempre presidirão seu aparecimento; é um discurso, e não uma série de acontecimentos” (TODOROV, 2003, p. 82). Dessa maneira, constataremos que mesmo narrando fatos semelhantes, há diferenças significativas entre os textos, que são notadas desde a concepção das obras.

Umberto Puiggari no texto “A comarca de Ponta Porã”, que serve de prefácio a sua obra, afirma que o único objetivo de *Nas fronteiras de Mato Grosso: Terra abandonada* é “[...] desvendar aos olhos do governo e do Brasil, esse mundo desconhecido que é a fronteira com o Paraguai, dizendo as cousas como ellas são e unicamente dentro dos limites da verdade” (PUIGGARI, 1933, p. 7).

Dessa forma, o fato de “O Sismório” ser a primeira narrativa do livro possui um grande significado, porque o autor queria demonstrar a impunidade na fronteira Brasil-Paraguai mediante a narrativa de um criminoso que “[...] estava despovoando a fronteira!” (PUIGGARI, 1933, p. 18). Os fatos narrados se passam entre 1906 e 1911, ou seja, o texto foi escrito cerca de vinte anos após os acontecimentos. Já Hélio Serejo escreveu sobre Sismório em 1991, portanto, oitenta anos depois do assassinato do retratado. Desse modo, seu texto pretende recompor essa afastada época, na qual “[...] a justiça era um cadáver pelo outro” (SEREJO, 2008, p. 131).

Feitas essas considerações referentes aos escritores e aos aspectos externos das obras iniciaremos a análise dos textos propriamente ditos.

4.2 O lendário bandido Sismório

Passemos à análise dos textos “O Sismório” (1933) de Umberto Puiggari e “Sismório, o gringo bochinheiro e bandido” (1991) de Hélio Serejo, que descrevem a trajetória do lendário bandido Franck Six Moritz.

“O Sismório” narra os catorze assassinatos cometidos pelo bandido Franck Six Moritz em terras mato-grossenses, a fuga do protagonista para o Paraguai e sua morte no estado de Rio Grande do Sul. “Sismório, o gringo bochinheiro e bandido”, por sua vez, segue de perto a longa trajetória do bandido desde seu nascimento em Corrientes (Argentina), descrevendo seus crimes, assassinatos e fugas, além de algumas curiosidades em relação à sua personalidade e a morte do protagonista.

Desde os títulos já se notam diferenças significativas entre os textos. O título escolhido por Umberto Puiggari é extremamente simples e se refere ao nome pelo qual o protagonista ficou conhecido. No texto de Hélio Serejo, informações são adicionadas, como gringo, que se refere ao cognome que a personagem recebeu na fronteira Brasil-Paraguai e ao fato de ser um bochinheiro⁵.

Umberto Puiggari inicia seu texto da seguinte forma: “FRANCK SIX MORITZ, filho de pae inglês e mãe paraguaya, nascido na provincia de Corrientes, Republica Argentina, destacado em Concepción, no territorio de Missões, quando, em 1906, resolveu deixar a farda e tentar fortuna em Matto Grosso” (PUIGGARI, 1933, p. 9). Hélio Serejo inicia basicamente com as mesmas informações, porém utilizando mais adjetivos e um grau mais elevado de incerteza: “Seu pai, acreditavam muitos, era um inglês de linhagem nobre e sua mulher, uma paraguaia grandemente tentadora [...]” (SEREJO, 2008, p. 125). Outro detalhe interessante do texto de Serejo é a citação dos informantes, pessoas que contribuíram para a pesquisa do autor:

O informante Serafim Munhoz Ybarrola contava: ele era *de la policía* e, em determinada zona rural, servia sob as ordens do *teniente* Moritz. Desde muito jovem, o tenente Franck, como era conhecido em Misiones, deu sobejas provas de que era um desequilibrado, um indivíduo sem entranhas, enfim, uma autoridade cruel e vingativa (SEREJO, 2008, p. 125, grifos do autor).

⁵ Umberto Puiggari no texto “Turma Sinistra” descreve um grupo desses criminosos, que vendia ilegalmente bebida alcoólica e erva-mate, andando sempre armados para servir aos coronéis da fronteira entre Brasil e Paraguai. Porém, é interessante notar que o narrador da obra de Umberto não afirma que Sismório era um bochinheiro.

No texto de Puiggari, ficamos cientes apenas dos crimes cometidos por Sismório na fronteira Brasil-Paraguai; há um trecho em que o narrador da obra de Puiggari justifica a mudança da personagem para Ponta Porã como uma tentativa de enriquecimento. Talvez isso se deva ao recorte feito pelo autor que desejou narrar fatos ocorridos apenas nas fronteiras de Mato Grosso, ignorando as ações praticadas por Franck na Argentina. Serejo, por sua vez, aproveita esse material e descreve alguns crimes cometidos pelo protagonista no período em que foi tenente de polícia na Argentina e afirmando inclusive que esses crimes motivaram a mudança de Sismório para o Brasil.

O narrador da obra de Serejo descreve que na Argentina Franck obrigou um rapaz pacífico a servir na sua polícia, cuja “[...] ordem superior era matar; portanto, nada melhor e mais acertado do que incorporar ao contingente policial um atirador que não perdia tiro” (SEREJO, 2008, p. 126). Nesse trecho, o narrador compreende que a violência é um instrumento de coerção utilizado para multiplicação do vigor natural, como o definiu Arendt (1985).

Os policiais enfrentam um bando de facínoras e o rapaz erra vários tiros, deixando-os escapar até que “[...] morreu, com três tiros no peito, o moço rápido no gatilho, que havia dito que não matava cristão igual a ele feito a imagem e semelhança de Deus” (SEREJO, 2008, p. 126). Segundo Arendt, a autoridade se caracteriza pelo “[...] reconhecimento sem discussões por aqueles que são solicitados a obedecer, nem a coerção e nem a persuasão são necessárias” (1985, p. 24-25). O rapaz se recusa a matar em nome de seus valores cristãos, porém o tenente Franck não entende essa recusa. Por conseguinte, a autoridade religiosa foi superior a do cargo policial, o que enfurece o tenente, uma vez que “[...] o maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo [...]” (ARENDR, 1985, p. 25).

O rapaz atirador é encontrado morto e a população responsabiliza pela morte o tenente Franck, que passa a ser severamente ameaçado. Ele resolve fugir para o sul de Mato Grosso, “[...] onde, com o escoar do tempo, comprovou-se que era um tipo de má índole, um desordeiro e um criminoso cruel” (SEREJO, 2008, p. 127). Essa situação de fuga entre fronteiras se explica por que

[...] a incapacidade de manter o controle sobre a extensa região sul do estado foi sempre minimizada pelas autoridades estaduais que, por sua vez, procuraram justificar a inexpressão dos meios de repressão do governo estadual ao banditismo, reclamando da falta de verbas e de armamentos, falta de efetivo policial, dificuldades de locomoção e de maior colaboração dos estados (ou

países) vizinhos que se omitiam na repressão ao banditismo fronteiriço (CORRÊA, 2006, p. 189).

Logo depois, Franck viaja para Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia que se localiza na fronteira com o Brasil, na qual “a polícia, homens sem farda, [...] se preparou para uma emboscada, pois Franck Six Moritz era um homem perigoso e ligeiro no gatilho” (SEREJO, 2008, p. 128). Por conseguinte, Sismório possui o poder que “[...] brota do cano de uma arma” (ARENDR, 1985, p. 7), atingindo seus objetivos com esse poder.

Então, a polícia realiza uma tocaia, mas o gringo consegue matar três policiais, deixando dois vivos para sepultar os corpos. Depois disso,

Transformava-se, assim, Franck Six Moritz, em criminoso dentro do território paraguaio. [...] Não podia ficar mais por aquelas bandas, pois a vingança viria na certa. Três mortos representavam muitos parentes sofrendo e chorando. Bandeou a fronteira sem perda de tempo. Talvez que no Brasil firmasse pé (SEREJO, 2008, p. 128).

Corrêa afirma que a violência no sul do antigo Mato Grosso durante o início do Século XX era tão comum, que “[...] desenvolveu-se em Mato Grosso um banditismo sem precedentes na história brasileira” (2006, p. 37). O historiador aponta, como um dos motivos para esse processo de violência, a movimentação de bandidos entre as fronteiras como forma de escapar das condenações judiciais ou até mesmo de vinganças pessoais, como ocorre no caso da personagem.

Então, o narrador começa a descrever como o paraguaio que assassinou Aníbal Ferreira Dias, foi abrigado por Sismório, que lhe deu um cavalo para a fuga e juntou-se à comitiva que buscava matar o assassino de Aníbal. Um dos filhos do falecido descobriu o gringo e “[...] ficou deveras transtornado, tendo enviado um próprio até Sismório, avisando-o que se preparasse para morrer. O desfecho se encontra em capítulo subsequente” (SEREJO, 2008, p. 130).

Comparando-se as narrativas nesse ponto, verifica-se que as ações descritas no texto de Umberto Puiggari são organizadas de modo mais linear e aparentemente seguindo uma ordem cronológica. Apesar do narrador não datar os crimes cometidos pelo protagonista, ele enumera as vítimas numa sequência: “até aqui, se o leitor bem contou, verá que já temos um rosário de quatorze assassinios, de responsabilidade directa de Franck Six Moritz” (PUIGGARI, 1933, p. 18).

Outro detalhe importante é que Puiggari se limita a descrever somente os assassinatos cometidos pelo protagonista, ao passo que Serejo narra também outros tipos de crimes cometidos pela personagem como a destruição e posterior apropriação de uma propriedade:

Não encontrou ninguém. O fogo da cozinha estava apagado. As galinhas fechadas no galinheiro. Os porcos com ração para vários dias. Não podia perder a longa viagem de quinze léguas. Matou tudo quanto pôde: os porcos do chiqueiro, a galinhada, ovelhas, vacas de leite, dois cavalos e quatro carros de boi. Mas o *demônio* ainda não estava satisfeito. Sua ira era *satânica*: meteu fogo em todas as benfeitorias. Voltou para casa satisfeito (SEREJO, 2008, p. 138, grifos nossos).

Apesar dessa diferença, certos fatos narrados coincidem, como por exemplo, o assassinato de Frutuoso, vizinho de Sismório. O narrador do texto de Puiggari afirma sucintamente que Frutuoso morava com um menino de oito anos e que Sismório pediu ao garoto para lhe fazer um favor. O menino não cumpre o pedido corretamente e apanha de Sismório, mas Frutuoso o defende. O gringo se irrita e mata Frutuoso com um revólver 44, porém não sabemos nada sobre o destino do menino. Já o narrador do texto de Serejo nos dá o nome completo da vítima: Frutuoso Ferreira Gonçalves, descrevendo sua propriedade e afirmando que o filho adotivo era conhecido por Toquinho em virtude de sua baixa estatura. Além disso, o narrador descreve que Toquinho conseguiu fugir e contou tudo a um vizinho, que alertou as autoridades em Ponta Porã.

Antônio Candido (1968) em seus comentários sobre a personagem de ficção, afirma que na vida estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade a sua sucessão de modos-de-ser, enquanto na ficção o escritor estabelece algo mais coeso e menos variável, que é a lógica da personagem. Dessa forma, a personagem é mais lógica, embora não mais simples do que o ser vivo.

O narrador do texto de Serejo afirma que Sismório apresentava esse comportamento homicida, porque “[...] tinha Lúcifer no corpo” (2008, p. 137). Assim sendo, Serejo retrata a opinião da maioria das pessoas da época, que procuravam dar uma explicação sobrenatural ao comportamento assassino de Sismório, referindo-se ao protagonista constantemente dessa maneira: “O diabólico Sismório deu esconderijo ao assassino [...]” (p. 129). “Teve logo aquela idéia satânica: dar sumiço [...] no achador do enterro” (p. 150). “Quando Sismório fez ao comissário o convite para a ceia já possuía o plano satânico cuidadosamente preparado” (p. 158). No fim da narrativa, ao matar

Sismório, a personagem Reginaldo Loureiro diz: “– Não precisa de cruz... os monstros não são filhos de Deus!” (p. 160). Aparentemente, a explicação de Serejo se assemelha a uma força de expressão, contudo, o escritor dedica o título “As superstições do bruxo” para descrever costumes “estranhos” de Sismório. Vejamos um trecho.

Nos lugares onde fez morada, conservava, dependurado no esteio do galpão, ou qualquer cobertura rústica, uma espiga de milho e um porongo, amarrados com cipó.
Era sua defesa contra ataques de inimigos que procuravam vingança. (SEREJO, 1991, p. 52)

Através do título, confirmamos a relação entre a personagem e a imagem de Sismório enquanto um bruxo, criada pelas pessoas da região e utilizada no texto de Serejo para recuperar a cultura popular, contudo ignorada por Puiggari para que a narrativa dos crimes de Sismório colaborasse para a denúncia da violência em Mato Grosso na época.

O narrador da obra de Umberto Puiggari, por sua vez, não utiliza essa explicação, porque aparentemente o comportamento de Sismório é explicado por uma espécie de índole ou instinto assassino: “Tratava-se de um homem irascível [...]” (PUIGGARI, 1933, p. 9), “A mocinha teve a infelicidade de despertar a bestialidade do truculento tutor [...]” (p. 13), “Nem um pequeno escrupulo despertou a consciencia do scelerado.” (p. 14), “Em sua nova morada, não diminui o instinto sanguinario do bandido.” (p. 17), “O instinto de besta fêra, que o dominava, estorvou-lhe os bons propósitos” (p. 20). No fim da narrativa, antes de matar Sismório, a personagem Reginaldo Loureiro faz a seguinte pergunta aos seus companheiros de escolta como argumento final para se livrar do gringo: “Não é bom tirar o couro da fêra, antes que ella se escape?” (p. 24). Desse modo, a explicação que os narradores dão aos crimes de Sismório constitui-se na lógica dessa personagem, que varia nos textos analisados.

Outras informações dadas pelos narradores divergem, como na narrativa da morte de um dos campeiros de Sismório. O narrador do texto de Puiggari descreve em poucas palavras o empregado: “Para os trabalhos de campo possuía um empregado de nome *Diniz*, por quem nutria um certo receio e despeito, sem que deixasse perceber esse sentimento” (PUIGGARI, 1933, p. 12, grifo nosso). O narrador também não justifica o receio da personagem Sismório. Por sua vez, o narrador do texto de Serejo nos dá uma descrição mais completa da vítima: “*Luis Salviano* era o campeiro de Sismório. Homem de pouca fala, cara fechada, grossas sobranceiras, executava com perfeição, todo tipo de trabalho de

uma fazenda [...]” (SEREJO, 2008, p. 142, grifo nosso). O narrador de Serejo narra que o campeiro irritava Sismório por saber jogar facas muito bem, portanto o protagonista considerou essa habilidade perigosa numa situação de desentendimento. Observa-se que o nome da vítima diverge de Diniz na narrativa de Puiggari para Luis Salviano na de Serejo.

Alfred Döblin (2006) afirma que a nítida divisão entre verdade e ficção ocorreu quando a divulgação e a preservação dos fatos foram realizadas pelos livros e revistas, desenvolvendo assim a narrativa em forma de prosa. Essa concepção de Döblin (2006) nos leva a afirmar que as diferenças entre os textos estudados residem justamente no fato de que as narrativas orais possuem múltiplas versões, que misturam realidade e ficção de diferentes maneiras.

O narrador do texto de Serejo ainda faz referência à morte de um moço gaúcho, que ocorreu próximo ao marco divisório entre Brasil e Paraguai. Curiosamente, Umberto Puiggari também descreve esse crime no texto “Por causa de um cigarro”, mas não cita o nome do assassino do rapaz, chamando-o apenas de ancião ou velho. Nota-se essa semelhança especialmente por intermédio dos trechos em que é descrito o assassinato:

[Sismório] Sacou da cintura o seu [revólver calibre] 44 e, [...] desfechou um tiro bem no meio da testa do jovem filho dos pampas. Olhou o corpo caído sobre a macega, o pingo malacara [tipo de cavalo] que disparara campo afora, e disse ao companheiro de andanças: – Lindo e fogoso o malacara... Não merecia um dono tão porcaria assim (SEREJO, 2008, p. 140).

E o nosso respeitavel ancião, gaúcho às direitas pelo gesto e pela indumentaria, com inesperada rapidez, saccou do revólver calibre 44, que lhe pendia do cinto, e desfechou certo tiro em plena testa do seu jovem e descuidado interlocutor. Depois de fixar por um instante, tranquilamente, o cadaver que ficou estendido na estrada, voltou-se para o camarada, e apontando para o cavalo, que fugia aos pinchos:

– O malacára é lindo e não merecia um dono tão porcaria, tão arruinado. Vamo p’ra adiante (PUIGGARI, 1933, p. 55).

Percebe-se claramente que as ações descritas são as mesmas, porém Serejo atribui esse crime à personagem Sismório. Isso talvez se explique pelas múltiplas versões já explicadas ou pelo fato de Umberto Puiggari não acreditar que Sismório tenha cometido esse ato.

Em relação ao número de mortes, os números divergem. O narrador do texto de Puiggari descreve a morte de 11 vítimas em Mato Grosso e a personagem Sismório cita mais 14 na Argentina, totalizando 25 mortes, ao passo que Serejo narra ao total 27 mortes, que ocorreram na Argentina, no Paraguai e no Estado de Mato Grosso.

Serejo ainda acrescenta outras informações em seu texto, como por exemplo, algumas superstições do protagonista. Além disso, o escritor cita na sua narrativa quatro parágrafos do texto do outro autor analisado, chegando a elogiá-lo, para descrever como Sismório fugiu do Brasil para a Argentina: “Veamos como Umberto Puiggari, inteligência viva, em seu livro *NAS FRONTEIRAS DE MATO GROSSO – TERRA ABANDONADA*, relatou este episódio [...]” (SEREJO, 2008, p. 154). No fim do texto, Serejo cita Umberto Puiggari como obra consultada e agradece aos seus numerosos informantes.

Por fim, podemos dizer que o texto de Hélio Serejo resulta de uma espécie de ampliação do texto de Umberto Puiggari, seguindo o que apontava Kristeva (apud Carvalho, 1998) sobre o fato de o processo de escrita ser resultante também do processo de leitura de um *corpus* literário anterior. Dessa forma, o texto de Serejo é absorção do texto de Puiggari, realizada com o intuito de recuperar a época retratada.

4.3 As representações da violência em contextos familiares

Analisaremos agora os textos “Noivado trágico” de Puiggari e “Almas perversas” de Serejo, uma vez que são muito semelhantes por narrarem crimes cometidos no interior de famílias.

“Noivado trágico” conta a história de um casal de Dourados (MS), que vai para a cidade de fronteira com o Paraguai, Ponta Porã (MS), para poder se casar. Contudo, no caminho de volta as famílias alcoolizadas acabam entrando em confronto, que leva a várias mortes, inclusive a do noivo. Já “Almas perversas” narra a morte do mascate Pedro Clarimundo pelo próprio filho, que desconfiado de sua esposa vai procurar o homem que a visita todas as noites, matando-o. Posteriormente, ele descobre que esse homem era inocente e era seu próprio pai, morrendo ao saber disso e deixando sua esposa louca.

O primeiro aspecto importante a se notar nessas narrativas é que as mortes foram causadas pelos próprios membros da família. Além disso, as circunstâncias das mortes sempre apontam para uma causa acidental, ou seja, as mortes não são intencionais, mesmo que o álcool esteja envolvido em “Noivado trágico”.

A técnica narrativa também é diferente nos dois textos. Enquanto que “Noivado trágico” segue uma ordem mais linear, narrando a infância do noivo e da noiva, o casamento e depois a morte das famílias, “Almas perversas” se inicia com o enterro de

Pedro Clarimundo, seguido pelas lembranças de sua vida e a circunstância que culminou em sua morte.

Outro aspecto importante é que na narrativa de Puiggari os personagens não são nomeados, o noivo e a noiva são conhecidos apenas por “ele” e “ela”, enquanto que no texto de Serejo temos informações mais completas, como o nome dos envolvidos, Pedro Clarimundo, Minguinho e Chinoca, além do local no qual os fatos ocorrem: o vilarejo de Brejão.

Vejamos como se encerra a narrativa de Puiggari.

Assim, por um golpe brutal e inesperado da fatalidade, aquella noiva gentil e tão confiada no futuro, transformou-se na actual virgem tristonha, sem um sorriso nos labios pallidos, sem um fulgor de alegria nos olhos, com a alma eternamente velada pelo crepe de uma viuvez tragicamente prematura, que todo habitante de Dourados conhece e lamenta... (PUIGGARI, 1933, p. 104).

Portanto, “Noivado trágico” não é apenas a história de uma família que acaba se matando, mas sim a denúncia de várias mortes parecidas que ocorriam em virtude da extrema centralização política no interior do antigo Mato Grosso, que às vezes obrigavam famílias inteiras a se deslocar em busca de documentos. “Almas perversas”, por sua vez, narra apenas a destruição de uma família, contudo, o tema da morte por acidente mas motivada por ódio é extremamente tocante.

Döblin (2006) ao escrever sobre o romance histórico, afirma que há materiais e territórios que só se encontram na ficção, pois são coisas íntimas da vida pessoal, ou seja, dos indivíduos, como dos sexos entre si, do amor, do casamento e da amizade. Tais aspectos são muito importantes e decisivos na vida, contudo, não estão presentes, em profundidade, nos jornais ou livros de História. Dessa forma, o leitor se orientará nesses aspectos pela ficção.

Portanto, tais narrativas são muito importantes, pois tratam da violência e das relações familiares, interessando ao leitor que se choca diante das cenas retratadas. De acordo com Candido (1968), é a ficção que possibilita viver e contemplar momentos extremos, graças ao modo irreal de suas camadas profundas, graças aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais; e graças ao modo de aparecer concreto e quase-sensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores.

Segundo Corrêa (2006), situações de violência desse tipo eram possíveis somente em um meio, cuja impunidade era reinante, como acontecia no Mato Grosso do período da República Velha e início do Estado Novo.

Döblin (2006) escreveu que o autor do romance histórico traz o que está submerso para o mundo, faz os mortos falarem, torna-os mais vivos e movimenta suas pernas paralisadas. Quanto mais se atém aos detalhes, mais se sente capaz disto. Então ele imagina “entender” aquele tempo, e vai repô-lo no mundo, quase imaginando poder trazer novamente esta época para o mundo. A partir disso, afirmamos que os textos analisados realizam essa função ao retratar a família e sua relação com a violência de Mato Grosso.

Assim, a importância dessas narrativas reside no fato de que representam as relações familiares a partir de situações de violência causadas por um meio propício a tais circunstâncias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso desta pesquisa, percebemos que as narrativas realizadas em diferentes épocas pelos escritores Umberto Puiggari e Hélio Serejo são um importante retrato da violência e da impunidade reinante durante a primeira metade do século XX no antigo Mato Grosso, em especial na porção sul do Estado.

No primeiro capítulo, apresentamos um histórico da literatura comparada a partir das contribuições de Carvalhal (1998) e de textos compilados e traduzidos presentes em Carvalhal & Coutinho (1994). Conforme percebemos, a literatura comparada, constantemente envolvida em polêmicas relacionadas ao seu objeto de estudo, registra suas concepções mais tradicionais apregoadas pela escola francesa, de onde se declarava que o estudo entre obras de diferentes países e que o contato entre essas obras deveria ser comprovado. Porém, com as pesadas críticas de Wellek há uma nova perspectiva em relação à literatura comparada, o que fez surgir a escola americana, que permitiu o estudo de obras pertencentes a um mesmo sistema literário. Outras contribuições para a disciplina são a teoria dialógica de Bakhtin como afirmação de que os textos dialogam entre si, além do conceito de intertextualidade, cunhado por Julia Kristeva, conceito segundo o qual a escrita de uma obra resulta da leitura de outras.

No direcionamento da literatura comparada, nosso estudo foi feito pela comparação dos textos “O Sismório” e “Noivado trágico” de Umberto Puiggari com “Sismório: o gringo bochinheiro e bandido” e “Almas perversas” de Hélio Serejo, pertencentes ao mesmo sistema literário como retratos da violência no sul do Estado Mato Grosso. Buscamos a reflexão sobre a violência na leitura do texto de Hanna Arendt (1985), filósofa que percebe o fenômeno como um instrumento para a criação ou manutenção do poder, mantendo uma estreita relação com outros fenômenos semelhantes, como o poder, a autoridade, o vigor e a força. Do ponto de vista histórico, recorreremos ao contexto no qual os escritores Umberto Puiggari e Hélio Serejo estavam inseridos. Neste percurso, recorreremos a Corrêa (2005), na obra *Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889-1943)*, importante registro para compreensão da violência no antigo estado de Mato Grosso. Para que pudéssemos nos aproximar desse contexto traçamos o perfil intelectual dos escritores e realizamos na pesquisa um pequeno esboço da biografia de Umberto Puiggari, uma vez que as informações sobre sua vida são muito escassas e desconstruídas. Puiggari nasceu

em São Paulo, foi para Mato Grosso, onde se indignou com a violência e reuniu elementos para a elaboração de *Nas fronteiras de Matto Grosso: Terra abandonada*, antes de se fixar definitivamente no norte do Paraná. O escritor Hélio Serejo, pelo contrário, é mais conhecido, pois sua ação intelectual e política (nunca foi candidato, mas exerceu vários cargos públicos) foi mais intensa, portanto sua ligação com Mato Grosso sempre foi mais próxima.

Por fim, analisamos a representação da violência no *corpus* selecionado. A primeira análise refere-se à comparação entre os textos “O Sismório” (1933) de Puiggari e “Sismório: o gringo bochinheiro e bandido” (1991) de Serejo. Nossa leitura nos levou a concluir que, enquanto Umberto Puiggari, por escrever vinte anos depois do acontecimento dos fatos narrados conservava maior intenção de denúncia da impunidade reinante em Mato Grosso; a obra de Hélio Serejo, por sua vez, publicada oitenta anos depois, trata-se mais de uma recuperação da história e das tradições do Mato Grosso do Sul, especialmente do passado marcado pela extrema violência. Em outro momento da leitura analítica, os textos “Noivado trágico” de Puiggari e “Almas perversas” de Serejo, textos que retratam a relação entre violência e família por meio de crimes ocorridos neste contexto.

Observamos, então, que a intertextualidade estabelecida entre as obras de Umberto Puiggari e Hélio Serejo provém do fato de resultarem de um trabalho de compilação de narrativas orais, configurando-se como textos que confirmam o caráter popular e a importância cultural de se preservar a memória popular do sul do antigo Estado de Mato Grosso.

A partir do presente estudo, esperamos que os autores Hélio Serejo e Umberto Puiggari sejam mais conhecidos e apreciados e que, futuramente, novas pesquisas elucidem outras questões relativas a esses autores e suas obras, especialmente a questão estética que não pode ser levantada de maneira aprofundada no decorrer de nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS. 2011. **Hélio Serejo**. Disponível em: <http://www.acletrasms.com.br/membro.asp?IDMCad=53> Acesso em: 12 de maio de 2012.
- ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Tradução de Maria Claudia Drummond Trindade, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985, c1970.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPESTRINI, Hidelbrando. 2003. **Hélio Serejo**. Disponível em: http://www.ihgms.com.br/artigos/artigos_materia.asp?ID=19. Acesso em: 11 de abr. de 2011.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.
- _____. **Formação da literatura brasileira**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- _____. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHAL, Tânia Franco & COUTINHO, Eduardo F. [orgs.]. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- CENTENO, Carla Villamaina. **Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia matogrossense (1870-1950)**. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP/SP, Campinas, 2007.
- CORRÊA, Valmir Batista. **Coronéis e bandidos em Mato Grosso: (1889-1943)** – 2ª ed. rev. e atual. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2006.
- _____. **Terra do barão e cutelo**. 2008. Disponível em <http://valmirbatistacorrea.blogspot.com/2008/02/terra-do-barao-e-cutelo.html>. Acesso em: 26 de mar. de 2011.
- COUTINHO, Humberto Puiggari. **Londrina 25 anos de sua história**. Organização de Widson Schwartz. Londrina: Gráfica Universal, 1997.
- DÖBLIN, Alfred. O romance histórico e nós. Tradução de Marion Brepohl de Magalhães. **História: Questões & debates**, Curitiba, nº. 44, p. 13-36, 2006.

FERREIRA, Bruno Galassi. **As narrativas entre o fato e a ficção *Nas fronteiras de Matto Grosso – terra abandonada de Umberto Puiggari***. Raído, volume 5, número 10, p 263-273, Dourados: UFGD, 2011.

MARTINS, Thaís. **Vespasiano Barbosa Martins**. 2011. Disponível em <http://www.ihgms.com.br/enciclopedia/enciclopedia_ver_verbete.asp?ID=4398> Acesso em: 30 de mar. de 2011.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. Maína e Capitoa: labirintos do universo feminino nos contos de Josefina Plá e Hélio Serejo. **Raído**, Dourados, MS, v. 2, n. 3, p. 91-98, jan./jun. 2008.

PUIGGARI, Umberto. **Nas fronteiras de Matto Grosso**: Terra abandonada. São Paulo: Casa Mayença, 1933.

REIS, Elpídio. **Os treze pontos de Hélio Serejo**. Rio de Janeiro – RJ, Folha Carioca Editora LTDA, 1980.

ROSA, Maria da Glória Sá Rosa; NOGUEIRA, Albana Xavier. **A literatura sul-matogrossense na ótica de seus construtores**. Campo Grande-MS, Life Editora, 2011.

SEREJO, Hélio. **Sismório**: o gringo bochinheiro e bandido. Tupã – SP. Gráfica Cingral, 1991.

_____. **Obras completas**: volume II. [Sistematização] Hidelbrando Campestrini, Campo Grande-MS, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **Literatura e práticas culturais**. Dourados, MS: UFGD, 2009.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. O balaio do bugre Serejo: história, memória e linguagem. **Patrimônio e Memória**, UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.2, p. 123-141-dez. 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Poética da prosa**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

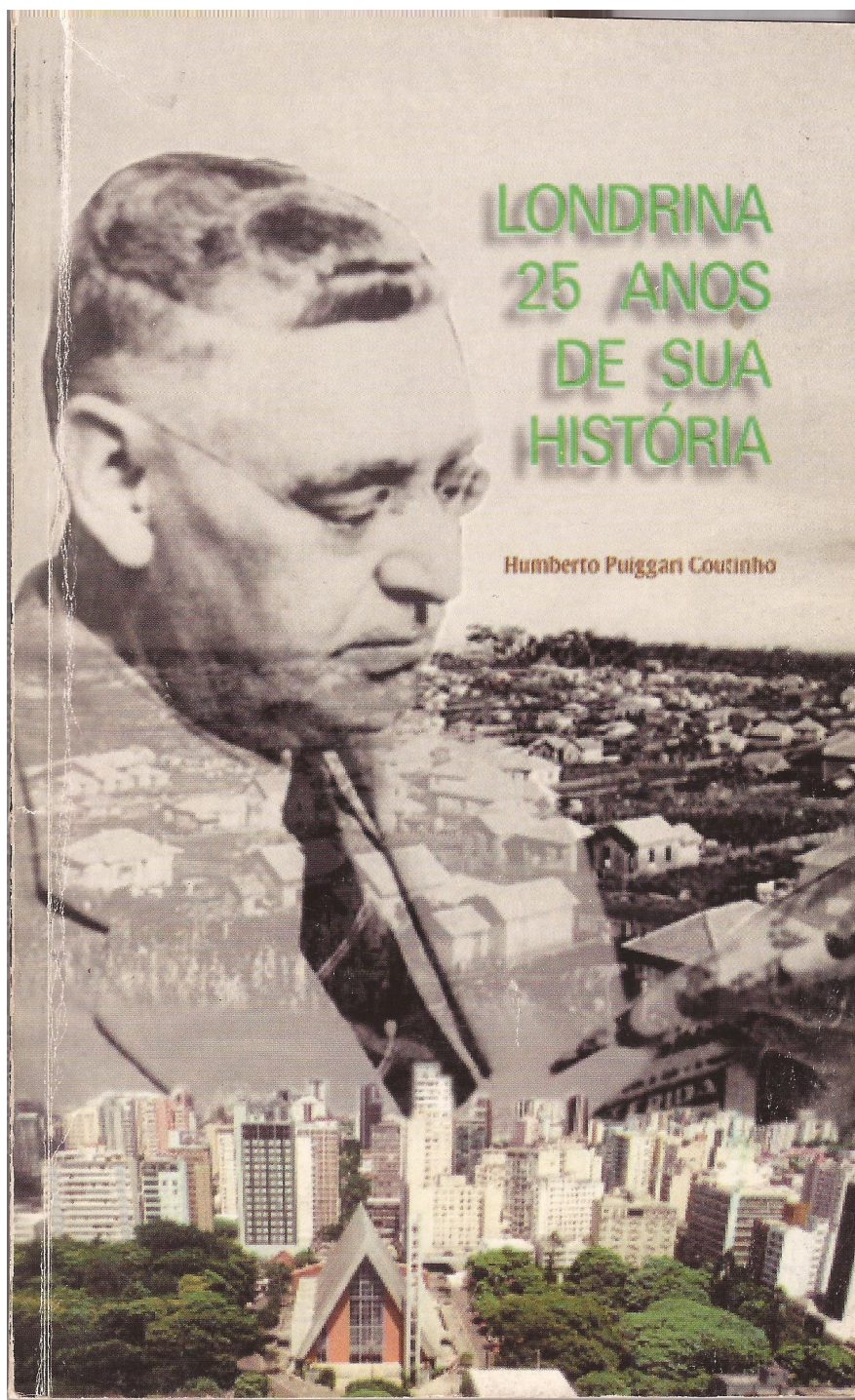
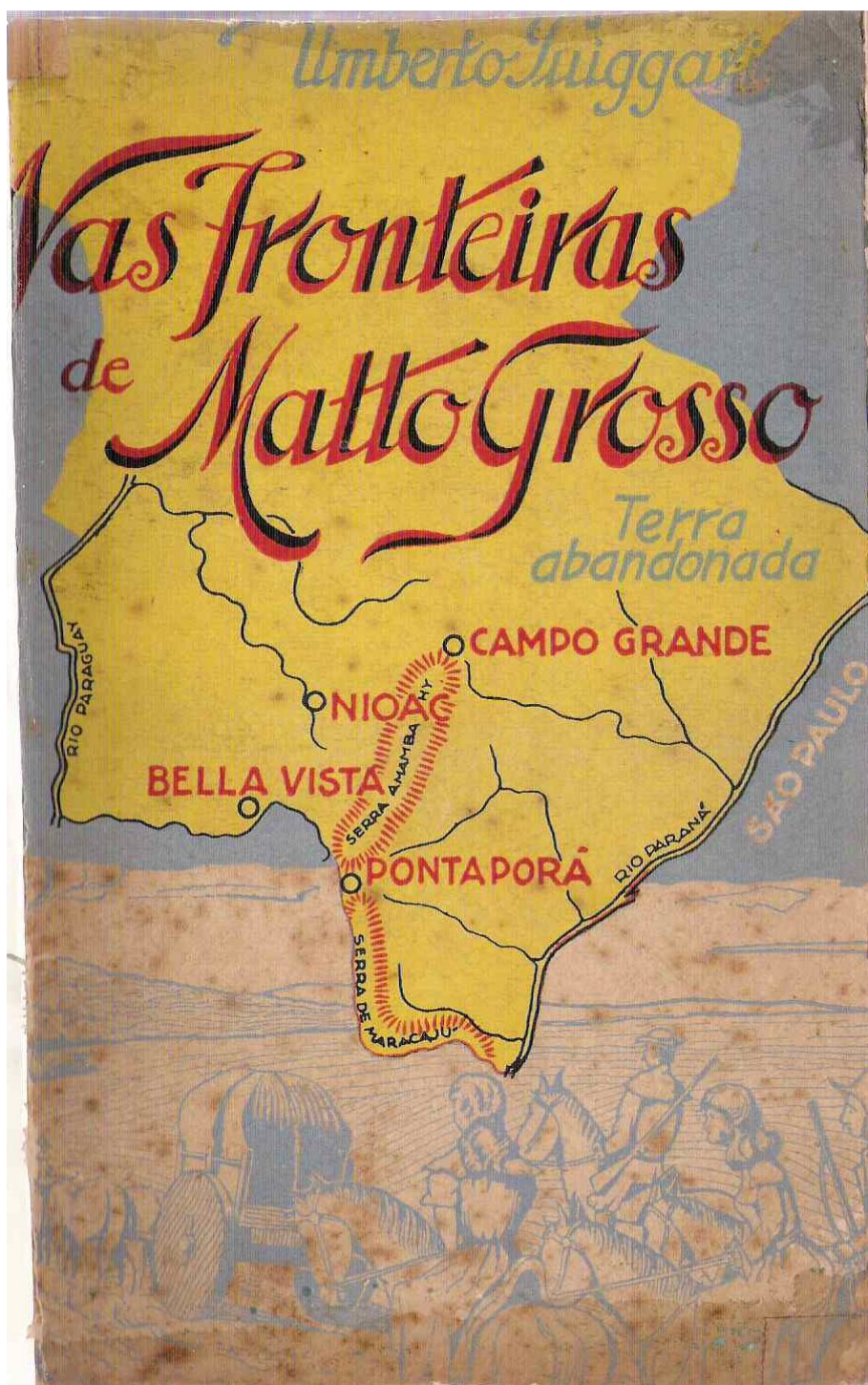
ANEXO A – UMBERTO PUIGGARI

Foto de Humberto Puiggari presente na capa do livro *Londrina 25 anos de sua história*

Foto do autor por Devanir Parra – Jornal de Londrina

Fonte: COUTINHO, 1997

**ANEXO B – NAS FRONTEIRAS DE MATO GROSSO: TERRA
ABANDONADA**



Capa da edição original de *Nas fronteiras de Mato Grosso: Terra abandonada*

Fonte: PUIGGARI, 1933

ANEXO C – HÉLIO SEREJO



Capa do livro biográfico *Os treze pontos de Hélio Serejo* escrito por Elpídio Reis

Fonte: REIS, 1980

ANEXO D – SISMÓRIO: O GRINGO BOCHINCHEIRO E BANDIDO

Capa da edição original do livro *Sismório: o gringo bochinheiro e bandido*

Fonte: SEREJO, 1991